

# PALAVRAS DE NOSSO OFICIAL DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS

*LT G. Alan Hester Jr*

A maioria dos aspirantes já conhece um pouco sobre a minha vida, mas deixe-me tomar algumas linhas para falar sobre minha carreira na Marinha Norte-Americana. Eu me alistei na Marinha em 1991, como parte da Força de Reserva. Meu batismo de fogo e treinamento inicial como maquinista foram em Great Lakes, Illinois. Depois, transferi-me para o Centro da Reserva Naval em Cleveland, Ohio, a fim de esperar por uma vaga para realizar treinamento na escola de mergulho, na unidade móvel de Mergulho e Salvamento. O treinamento da Força de Reserva é conduzido somente uma vez por mês e durante duas semanas no período do verão. No restante do tempo, estudei Comunicações na Universidade de Findlay, em Ohio. Depois do meu primeiro ano de estudos, decidi ingressar no Serviço Ativo da Marinha. Casei com minha namorada de faculdade, e nos mudamos para Virginia Beach, Estado de Virginia, onde estudei por



três meses, a fim de tornar-me Especialista de Operações. Depois disso, fui mandado para meu primeiro navio, USS (United States Ship) "LA MOURE COUNTY" - LST 1194, na Base Naval Anfíbia de Little Creek, situada em Norfolk, que fica perto de Virginia Beach. Durante o tempo em que fiquei embarcado, participamos de muitos exercícios, incluindo a Operação UNITAS, que me deu oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro pela primeira vez. Eu não sabia, naquele momento, que um dia moraria e trabalharia nesta bela cidade.

Em janeiro de 1996, pedi para ser transferido para a costa Oeste e fui mandado para o navio USS "MONSOON" - PC 4, em San Diego, Califórnia. Nesta época, passamos muito tempo nas águas do Caribe e na região norte da América do Sul, fazendo operações de combate ao tráfico de drogas. Trabalhávamos para a Joint Interagency Task Force (JIATF) Oeste e Leste. Passamos pelo canal do Panamá 21 vezes e fizemos, também, muitos exercícios com Marinhas de vários países como Venezuela e Colômbia.

Enquanto estava embarcado, fiz minha inscrição em um programa de elite no qual ganharia dois anos para estudar em uma faculdade. Depois de muitos anos servindo à Marinha do meu país, estava pronto para concluir os estudos e procurei um jeito de fazê-lo. Baseado em meu bom histórico no mar, fui escolhido com 50 outros, dentre um grupo de muitos candidatos, para estudar em tempo integral, incluindo salário e benefícios normais. Cursei a Califórnia State University San Marcos (CSUSM), localizada 40 km ao norte de San Diego. Estudei Psicologia e Biologia, e, em dois anos, concluí o bacharelado em Psicologia. Isto só foi possível porque já havia cursado um ano de faculdade antes da minha entrada na Marinha e porque tinha aulas durante as férias de inverno e verão. Logo em seguida, inscrevi-me na Escola de Candidatos a Oficiais em Pensacola, Flórida, que era o único meio de praças já formados na faculdade se tornarem oficiais. Fui aceito no programa de aviação e comecei em março para me formar em junho de 2000.

Formei-me como 2º Tenente no dia 23 de junho e, em agosto, comecei seis semanas de “Doutrinação de Aviação”. Depois disso, fui morar com minha família a 60 km da Base Aérea Naval de Whiting Field, um dos dois lugares onde a Marinha dos EUA oferece treinamento primário em aviação. Treinei na sala de aula e no ar por quase quatro meses e, então, encontrei um obstáculo: as alergias. Pela primeira vez na minha vida, eu vivia num lugar onde a mistura de pólen, mofo e outros agentes no ar causaram a destruição das minhas cavidades nasais, o que me deixou incapaz de voar durante um longo período. Isto trouxe um fim a minha “ilustre” carreira na aviação, e me foi dada a opção de retornar à Comunidade de Superfície, como oficial combatente a bordo de um navio. Aceitei e nunca olhei para trás.

Gostaria de fazer uma breve observação sobre algo com que os aspirantes podem se identificar. A Escola de Aviação era bastante difícil academicamente e trouxe obstáculos pela primeira vez na minha vida. Apenas os melhores dentre os melhores são aceitos lá, assim como no Colégio e na Escola Naval. Mas o único problema é que, quando colocamos todos os melhores juntos, nem todo mundo pode ser o melhor. Alguns vão ficar na média e outros abaixo dela. Na Escola de Aviação, pela primeira vez na minha vida, tive um desempenho acadêmico médio, mas nunca desisti. Trabalhei duro até não poder mais continuar.

Como parte do treinamento da Comunidade de Superfície, fui mandado à Escola de Guerra de Superfície para Oficiais (Surface Warfare Officer School - SWOS) em Newport, Rhode Island, para cursar por alguns meses antes de embarcar. Meu primeiro navio como oficial foi o USS “GUNSTON HALL” - LSD 44, sediado em Little Creek. Assim, voltei à base do meu primeiro navio, só que desta vez como oficial. Isso era importante porque, embora tivesse tido todo treinamento de liderança necessário em OCS (Officer Candidate School) e SWOS (Surface Warfare Officer School), como praça eu já tinha aprendido muito sobre liderança. Notei que muitos oficiais vêm e vão; os bons e os maus. Eu sabia o que constituía um bom oficial e estava determinado a provar isto naquela comissão.

No USS “GUNSTON HALL”, servi como Oficial do Centro de Informação de Combate por alguns meses e

depois como Oficial da Divisão de Eletricidade, de modo a balancear meu treinamento e experiência. Participei de outra Operação UNITAS, desta vez com início no lado do Oceano Pacífico. No Peru, tive a oportunidade de trocar de navio com um oficial peruano e passei três dias a bordo do navio “PAITA” - DT 141. Rapidamente, vou contar um caso pitoresco que me fez interessar pela questão da barreira da linguagem. Quando estava a bordo do “PAITA”, eu dividia o camarote com um peruano que era fuzileiro e mergulhador. Este oficial tinha histórias intermináveis sobre seus dez anos na



selva lutando contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), mas era bastante amigável. O navio iria conduzir um exercício de assalto anfíbio na manhã seguinte, e a missão de meu companheiro de camarote era nadar até a praia com os mergulhadores de combate americanos (“SEALS” – Sea, air

and Land, Força de Operações Especiais da Marinha dos EUA) na fase pré-assalto, para informar as condições do lugar. Às 02h30min ele acordou e tentou usar a pia para se barbear, mas o navio estava em racionamento de água, e não havia água disponível. Ele logo desistiu e foi embora, deixando, porém, a torneira aberta. Acordei duas horas mais tarde com o som de água chapinhando de um lado para o outro. Abri os olhos e rapidamente percebi que havia um pouco mais de meio metro de água no piso. Levantei e fechei a torneira. Desci para contatar o pessoal de serviço e explicar que meu camarote estava inundado, mas com o espanhol muito limitado isto ficou difícil. Primeiro, o vigia me trouxe um copo de água; então, finalmente, consegui transmitir minha mensagem e ele acordou um grupo para me ajudar. Eu me lembro como rapidamente a equipe do navio partiu para a ação. Eles não somente drenaram a água, mas tudo que estava molhado foi retirado, limpo, seco e recolocado no lugar depois de duas horas. Fiquei impressionado com o profissionalismo demonstrado, do marinheiro da lavanderia ao chefe da equipe de inundação. Eu me perguntei se isto era algo comum em todas as Marinhas Sul-americanas ou era um procedimento exclusivo da Marinha Peruana. Minhas experiências no Brasil me convenceram de que o mesmo nível existe em ao menos duas Marinhas na América do Sul. Em geral, depois de duas Operações UNITAS, fiquei impressionado com o

que eu vi em todas as outras Marinhas, mas seria difícil saber com certeza sem ter vivido e trabalhado nos outros países. Isto é algo que não pode ser visto de fora e que pode ser atrapalhado pela barreira da linguagem.

Mais tarde, ainda no Peru e já a bordo do meu navio, algo aconteceu que mudaria a mim e todos os militares dos Estados Unidos para sempre: o atentado de 11 de setembro 2001. O navio estava atracado em Lima, e eu estava voltando de uma viagem a Machu Picchu com um terço da tripulação. Logo depois de nossa chegada, o navio partiu imediatamente para águas desconhecidas. Passamos as duas semanas seguintes sem nenhuma ordem além de permanecer no mar. No restante da viagem, fomos obrigados a abandonar os planos de visitas aos portos regulares e visitamos somente as bases navais ao longo de nossa rota, incluindo a de Mocanguê, aqui no Rio.

Em janeiro de 2003, o USS "GUNSTON HALL" suspendeu de novo, desta feita para o Iraque, como integrante de uma Força Tarefa Anfíbia composta por sete navios da costa Leste e sete da costa Oeste. Ao chegarmos ao nosso destino, desembarcamos os fuzileiros e conduzimos operações caça-minas durante seis meses, utilizando golfinhos e baleias-piloto. Uma coisa que me marcou profundamente nesta viagem, além de nossa posição numa zona de conflito, foi o fato de meu navio ter conseguido retornar com todos os fuzileiros que havia deixado na praia, no início da guerra. Depois da chegada de outro navio para nos substituir, partimos para a costa Leste dos Estados Unidos, a fim de desembarcar os fuzileiros e equipamentos na base de fuzileiros navais na Carolina do Norte. Lembro-me bem de ter pensado que alguns fuzileiros que estavam a bordo, a caminho do Iraque, poderiam não voltar da guerra. Fiquei feliz por isso não ter acontecido. Infelizmente, o mesmo não ocorreu em todos os navios da Força Tarefa e nem nas tropas



que foram mandadas ao Iraque, com a missão de apoiar o treinamento da polícia iraquiana e das forças de segurança.

Em setembro de 2003, desembarquei do "GUNSTON HALL" e retornei à SWOS para três meses de treinamento. A seguir, voltei para Norfolk, onde embarquei no USS "ANZIO" - CG 68, como Oficial de Controle de Avarias. Não fizemos nenhuma viagem durante seis meses, mas participamos de muitos exercícios que nos mantiveram no mar freqüentemente. Fizemos, então, uma viagem à Europa para adestramento com as Marinhas Britânica e Escocesa. Se já estive em algum lugar onde não consegui entender minha própria língua, foi, certamente, na Escócia. Os escoceses têm sotaques muito fortes. Algumas pessoas na Escola Naval me contaram que às vezes é difícil compreender o Português falado em Portugal. Eu posso entender isso muito bem.

Até agora, comentei grande parte da minha carreira. Deixe-me, então, contar a história de como vim para a Escola Naval. O roteiro de treinamento para oficiais de superfície é o seguinte: todos passam três anos em navios, seguidos por dois ou três anos de serviço em terra. Em maio de 2005, recebi uma lista de opções de onde servir depois de desembarcar. Eu, especificamente, procurava servir fora do país e fiquei feliz ao saber que havia oportunidades na Inglaterra, Holanda, Arábia Saudita, Japão, Alemanha e Brasil. Sim, Brasil. Fiquei surpreso, porque não sabia que tínhamos oficiais no Brasil. Já tinha encontrado um oficial Fuzileiro Naval americano fazendo intercâmbio no Peru, em 2001, mas nenhum no Brasil. Para ser mais específico, o local que estava na lista era o Rio de Janeiro. Eu me lembrei bem dos meus pensamentos sobre o Rio e imediatamente solicitei este trabalho. Houve um concurso com 21 oficiais participantes, que venci no final. O oficial que se classificou em segundo lugar também está servindo no Rio, mas a bordo de vários navios brasileiros sediados na Base Naval do Rio de Janeiro, em Mocanguê.

Primeiro, tive que ir para a cidade de Monterrey, localizada aproximadamente 160 km ao Sul de São Francisco, Califórnia, para aprender Português no Instituto de Línguas. Estudei por seis meses, de segunda a sexta, das 07h30min às 16h30min. Havia três professoras. Uma do Rio, uma de São Paulo e outra de Portugal. Quem já me ouviu falando Português provavelmente percebeu que meu sotaque é um pouco misturado. Por ser uma língua bastante diferente, tive que me esforçar muito. Frequentemente sentia medo de não ter aptidão para falar Português, mas, por fim, completei o curso e me formei. Passei os feriados de fim de ano em Ohio visitando minha família e a da minha esposa e, logo depois, viemos para cá.

Uma coisa que me esqueci de mencionar foi o nascimento dos meus filhos. Minha esposa e eu somos pais orgulhosos de quatro crianças: Gregory III - 12 anos, Laurah - 11, Mason - 7 e Emma, com 2 anos. A maioria dos brasileiros geralmente fica chocada com isto, embora eu goste de lembrar que ter bastantes filhos não é algo tão incomum nos EUA. Na verdade, quando cheguei no Rio, vieram também outras seis famílias de militares, cada uma com pelo menos quatro crianças, uma com cinco e a outra com seis. Na minha casa, além das crianças, temos dois cães, um gato, um caranguejo, um porquinho-da-índia e peixes. Geralmente, falo, brincando, que nós temos uma fazenda em casa.

Cheguei em janeiro de 2006 para servir na Escola Naval por dois anos, como instrutor de Inglês. A minha estada aqui tem trazido diversas experiências. A primeira coisa sobre o Brasil que me chamou a atenção quando cheguei foi a língua. Sim, estudei Português por seis meses em um curso com horário intensivo, mas ele não me preparou para o que eu enfrentaria no primeiro dia. Quando saí do avião alguém me disse algo, e não entendi quase nada. A moça do aeroporto falava bem rápido, coisa típica dos cariocas, e isso me surpreendeu. Eu me adaptei logo depois e tenho melhorado diariamente desde então. Lembro que, nos primeiros meses, não conseguia falar ao telefone ou entender o que se dizia no rádio, porque é mais fácil entender alguém pessoalmente do que apenas ouvir. Mas isso também melhorou. A segunda coisa que me impressionou foram as pessoas. Em geral, os brasileiros são bem amáveis, felizes e muito espirituosos. Percebi isso imediatamente. Os meus vizinhos, colegas e alunos me deram apoio e tudo o que eu e minha família precisávamos. Ficamos muito gratos por isso.

Levei muito tempo para me adaptar à Marinha Brasileira, mas tanto os oficiais como meu assistente no

Laboratório de Línguas, Sílvio, me ajudaram a entender o Português e a me adaptar ao horário da Marinha. Na sala de aula, me sentia em casa porque podia falar em inglês, mas às vezes ficava em frente a uma turma que não parecia tão motivada. Eu não conseguia entender isso até me familiarizar com a rotina dos aspirantes. Agora, consigo compreender porque alguém colocaria Inglês em último plano em relação às outras disciplinas em que o nível de dificuldade é talvez maior. Mas ao mesmo tempo, eu queria mudar esta opinião sobre Inglês e imediatamente comeci as aulas com um jeito diferente e interessante. Desde então venho tentando sempre fazer isso. Só quero que os alunos entendam o valor que o aprendizado de outra língua tem para as pessoas. Infelizmente, apenas o Inglês é oferecido para os aspirantes, mas, como sabemos, é uma língua bastante usada na comunicação entre navios, entre aviões e mesmo em terra, o que será bastante útil para os futuros oficiais. Além disso, o conhecimento de uma língua estrangeira ajuda muito quando surgem oportunidades de servir em outros países, em programas de intercâmbio ou missões das Nações Unidas. Conheço muitos aspirantes e oficiais que têm interesse nisso.

Das minhas mais memoráveis experiências, tenho que falar, primeiramente, da Copa do Mundo e dos Jogos Pan-americanos. A energia e o nacionalismo demonstrados no Rio de Janeiro e no restante do país me impressionaram muito. Em segundo lugar, estão as outras cidades que visitei: Búzios, Cabo Frio, Petrópolis, Itaipava, Angra dos Reis, Salvador, São Paulo e Ouro Preto. Estas cidades são muito bonitas e interessantes. Finalmente, está a 61ª Regata Escola Naval. A preparação e a organização estavam perfeitas. Os coordenadores trabalharam muito bem. O evento inteiro estava magnífico. Fiquei feliz por fazer parte de um evento como este.

Foi muito boa a minha vida no Brasil nestes dois anos. No entanto, ficarei muito feliz por voltar para o meu país em dezembro, onde não terei dificuldade para entender o que as pessoas falam e onde estão minha família e meus melhores amigos. Mas também fiz muitos amigos aqui, e espero que todos mantenham contato. O meu substituto é o Capitão-Tenente Shane Durkee, que chegará nos últimos dias de dezembro ou no início de janeiro para servir na EN também por dois anos. É um oficial submarinista e solteiro. Espero que a sua acolhida aqui seja igual a minha, pois ele está muito entusiasmado com esta oportunidade.

Muito obrigado.